

CAPÍTULO XIX

O SACRIFÍCIO DA MISSA

Só há uma comunhão; e não missa;
Nem há sacrifício, mas festa vivificante.- Tennyson.

O dogma do sacrifício da missa é, como o dogma da transubstanciação, igualmente contrário à Escritura.¹ A palavra “missa” provém da expressão latina *missa est*, que significa: “o serviço terminou” – palavras ditas no encerramento do culto dos catecúmenos, que era assistido somente pelos membros em plena comunhão. A parte principal do segundo era a Ceia do Senhor.

§ 1. Definição.- Na missa o sacerdote, segundo se diz, oferece sobre o altar um verdadeiro sacrifício, tendo a Cristo como vítima – *hóstia*. A única diferença entre o sacrifício consumado pelo sacerdote e o sacrifício do Calvário, é que, na missa, faz-se uma oferenda sem sangue – incruenta – e sem dor. O Concílio de Trento ensinou que, em ambos, “a vítima é uma e a mesma, só havendo diferença no processo do sacrifício”; e que, instituindo a eucaristia, Cristo legou à igreja “uma oblação perpétua, pela qual nossos pecados podem ser expiados e nosso Pai Celestial pode retroceder da ira para a misericórdia”. Assumindo seus votos, o sacerdote professa “que, na missa, se oferece a Deus um sacrifício verdadeiro, real e propiciatório”; e em sua ordenação lhe é dado pelo bispo o “poder de oferecer sacrifício na igreja”.

Incluem-se os seguintes pormenores na definição tridentina: 1. O sacrifício da missa é um sacrifício visível – e visível porque a atual natureza do homem exige alguma coisa que apele para os sentidos. 2. É incruento. 3. A vítima é idêntica à que sofreu de maneira cruenta sobre a cruz. 4. A missa pode ser celebrada em presença do povo ou com uma só pessoa presente, como ajudante, para repetir os responsórios, pessoa que, em caso de necessidade, pode ser mulher, a qual deve, no entanto, conservar-se a considerável distância do altar – cânon 813. 5. A indignidade do sacerdote não afeta a virtude da consagração, tanto mais que é o Cristo “que, sobre o altar, se oferece a si mesmo a Deus, o Pai, sob a forma de pão e vinho”. 6. O sacrifício só é oferecido a Deus e nunca a um santo. Nunca se usam palavras como: “Ofereço a ti, Pedro”. As missas podem ser, todavia, oferecidas em honra de santos e, neste caso, a igreja implora seu auxílio. 7. Para alívio das almas do purgatório, a mais eficaz de todas

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

as ações humanas é a missa. O Concílio de Trento pronunciou não menos de nove anátemas contra os que neguem que a missa seja um verdadeiro sacrifício oferecido a Deus; que seja propiciatória – aproveitando tanto aos ausentes como aos presentes; que sejam legais as missas de que somente o sacerdote participe (como comungante)); que elas possam ser adequadamente oferecidas em louvor de santos; que os sacerdotes sejam autorizados por Cristo a oferecerem o próprio corpo do Senhor e seu sangue; e que algumas partes do serviço devam ser lidas em tom mais baixo do que as outras partes.

A oferta de Cristo sobre o altar é o ato central do culto romano, o mais sagrado rito celebrado no santuário.² Ele se celebra – assim prescreve o Concílio de Trento – com um cerimonial acurado – ritos simbólicos, velas acesas, ornamentos sacerdotais ricos e com frequência da mais caprichosa confecção, ou, em caso de missa de defunto, com paramentos negros. É um dramático espetáculo em que o esquema da redenção fere a vista. Na Idade Média, a missa tomou o lugar da pregação e a piedade dos fiéis era alimentada à medida que assistiam à transação misteriosa e sobrenatural, em que se repetia a tragédia da cruz. Para o devoto, é o mais pungente e significativo drama. Ali, sobre o altar, a propiciação é forjada ainda uma vez e “os mais horrendos crimes e pecados recebem perdão mediante a oferenda”, porque a missa tem o mesmo valor do sacrifício da cruz. Sua superioridade sobre a eucaristia como comunhão é que ela possui eficácia vivificante, tanto em relação aos que estão ausentes, como para os que se acham presentes; para os mortos, assim como para os vivos. A eficácia da transação é tão grande quando o sacerdote que ministra esteja sozinho, como quando a congregação esteja presente – Can. 1273. Por milagre, a cerimônia é atordoante significação, porque por vezes incontáveis, no mesmo instante e sobre inumeráveis altares, cumpre-se o sacrifício de Cristo.

§ 2. A rejeição protestante.- Os protestantes consideram o sacrifício da missa não só incompatível com as Escrituras e derogatório do sacrifício da cruz, feito uma vez por todas, mas também subversivo da razão. As Escrituras claramente expõem que, quando Jesus foi crucificado fora dos muros de Jerusalém, a obra da propiciação se completou. Quanto ao morrer – disse S. Paulo – Cristo morreu uma vez para o pecado. A uma voz, os escritores do Novo Testamento firmaram-se no princípio de que não mais subsistia sacrifício por pecados e que Cristo, nossa Páscoa, tendo sido sacrificado por nós, não deixou subsistir a necessidade de quaisquer sacrifícios posteriores – I Cor. 5:7; Heb. 10:26. O Livro de Oração Comum fala da “oblação de Cristo, feita de si

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

mesmo sobre a cruz, como completa, perfeita e suficiente oblação e satisfação pelos pecados te todo o mundo”. As antigas Confissões protestantes não somente repudiaram a missa, mas frequentemente a denunciaram como idolatria. Os Artigos de Schmalkald, preparados por Lutero, 1537, declararam ser a missa “a maior e mais terrível abominação”. Os XXXIX Artigos tratam as missas de “fábulas blasfemas e enganos perigosos”. A Confissão Escocesa, “profundamente detestando e renunciando a doutrina de que os sacerdotes ofereçam um sacrifício propiciatório”, considerou a missa “blasfema e derogatória da suficiência do sacrifício único de Cristo”. Em linguagem não menos vigorosa, a Confissão de Westminster, um século depois, declarou ser “o sacrifício papista da missa mui abominavelmente injurioso ao sacrifício único de Cristo, à única propiciação por todos os pecados dos eleitos”. O bispo Latimer – para citar apenas um Reformador inglês – em seu sermão sobre o Arado, disse: “Como a serpente foi levantada no deserto, assim seja o próprio Cristo exaltado, para que por esse meio tenham a salvação quantos nele confiarem... Eles pretendem salvar-nos por meio de uma diária oblação propiciatória, por um sacrifício expiatório ou remissivo... Confiemos somente na morte de Cristo e não busquemos nenhum outro sacrifício propiciatório, além do mesmo sacrifício cruento. Porque o próprio Cristo disse: ‘Está consumado! Realizei a redenção do homem e resolvi a questão’. Cristo, nossa Páscoa, foi oferecido, de modo que o ato foi consumado e Cristo o cumpriu de uma vez por todas e foi um sacrifício cruento.”³

§ 3. A argumentação.- Para sustentar a missa, o Concílio de Trento se serviu de uma só passagem: “Fazei isto em memória de mim”, passagem a que o mesmo Concílio deu a arbitrária significação de “celebrai em memória de mim” – Luc. 22:19. A celebração memorial da Ceia do Senhor, em que os fiéis recordam os sofrimentos e a propiciação da cruz, é, desse modo, transformada em ato criador e sacerdotal, pelo qual o próprio Cristo, reencarnado, de novo se sacrifica. Se Cristo quisesse dar a entender tal coisa, teria tido a seu alcance mais de uma palavra para significar “oferecer ou sacrificar”, palavras de que ele poderia ter-se utilizado – e que se encontram no Novo Testamento. Por que não preveniu a má compreensão da mais solene ordenança que deixou à humanidade, dizendo: “Oferecei em lembrança de mim”? A palavra “oferecer” (em sacrifício) era não só familiar, mas era o vocábulo preferido na terminologia dos serviços sacrificiais do templo.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Para justificar o ensino segundo o qual a missa possui mérito propiciatório para os que se acham ausentes à celebração, tanto os vivos como as almas do purgatório, a igreja romana atribui a mais arbitrária significação à palavra “muitos”, registrada em passagens de Mateus e Marcos: “Este é o meu sangue que é derramado por *muitos* para a remissão de pecados”. A interpretação natural da palavra é que Cristo se referia à larga influência de sua propiciação; mas a teologia romana faz que a palavra se refira à influência do sacramento, celebrado pelo sacerdote. Com igual propriedade os benefícios da Última Ceia e também da propiciação podem restringir-se aos Apóstolos que se encontravam presentes quando, segundo Lucas, as palavras ditas por Jesus foram: “Este é o meu sangue que é derramado por *vós*”. O Catecismo Tridentino retrocedeu até o Velho Testamento e encontrou uma predição da missa nas palavras de Malaquias 1:11: “Em cada lugar uma oblação pura é oferecida a Deus” – palavra em que o profeta evidentemente tinha em mente corações contritos e quebrantados, e não sacrifício material.⁴

A missa romana é irreconciliável com os registros exarados no livro de Atos, nas Epístolas Apostólicas e com o que sabemos dos próprios Apóstolos. Tão claramente quanto o possa fazer a linguagem, a Epístola aos Hebreus declara que não pode haver repetição do sacrifício de Cristo. Todos os sacrifícios materiais – afirma o escritor – tinham sido abolidos. Cristo morreu uma vez pelo pecado e, através de sua morte, alcanço-nos redenção eterna, “tendo entrado uma vez por todas no lugar santo”. Se a missa romana tivesse entrado nas cogitações de Cristo, é para admirar que Paul não houvesse dado o mínimo sinal dela em seus conselhos pastorais ministrados a Timóteo e a Tito, e que, nas reuniões em que os Apóstolos tomaram parte, não haja notícia de terem eles celebrado missa. Como fonte de todas as suas esperanças, atentavam para a cruz do Calvário como altar do Sacrifício, e nunca para qualquer outro altar propiciatório. “Pelo sangue de sua cruz” – disse S. Paulo – “ele fez a paz, reconciliando-nos no corpo d sua carne, através da morte”. Pedro afirmou que é pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha ou defeito, que somos redimidos. O terceiro dos grandes Apóstolos, João, disse que “o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado” – I João 1:7. Se aqueles três apóstolos tivessem qualquer idéia de um sacrifício incruento do Calvário, não teriam feito, em uma ou outra circunstância, alusão do fato de haver Cristo dado mandamento para que se repetisse seu sacrifício? Em face do silêncio dos Apóstolos, o cardeal Gibbons não hesita em dizer que “a tradição com

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

suas cem línguas, desde o tempo dos Apóstolos até nossos dias, proclama a perpétua oblação do sacrifício da missa”. Para o protestante, um claro texto da Escritura vale mais do que muitas tradições, ainda que estas se empilhem até a altura de verdadeira montanha. À luz da história, a afirmativa do dr. Gibbons é falsa. Os primitivos escritores cristãos falam de outros sacrifícios, mas nunca da repetição do sacrifício da cruz. O ensino dos Doze Apóstolos, com que o cardeal teve abundantes oportunidades de relacionar-se, informa que “no dia do Senhor reunimo-nos e partimos pão e damos graças, tendo antes confessado nossas transgressões, para que o sacrifício de *nós mesmos* possa ser puro”. O sacrifício – *thusia* – não é o sacrifício de Cristo, mas dos próprios cultuadores. A declaração do Manual concorda com as palavras de S. Paulo, que fala do sacrifício de nós mesmos e do sacrifício dos gentios. A mesma palavra – *thusia* – é empregada pelo Apóstolo para designar nossa oferta como “um sacrifício vivo” e para expressar “o sacrifício da fé”, Rom. 12:1; Fil. 2:7. Por que era a Ceia do Senhor chamada pelos antigos cristãos *o culto de ação de graças* – eucaristia – e não o sacrifício de Cristo, se aquilo era encarado como a repetição do sacrifício de Cristo? De conformidade com a concepção do Novo Testamento, Justino Mártir, em seu Diálogo com Trifo, proclamou “as orações e ações de graças os únicos sacrifícios perfeitos e aceitáveis a Deus”. “A alma justa” – Disse Clemente de Alexandria – *Stom.* VI, VII – “é o real altar santo. A vida inteira do cristão é uma solenidade santa. Seus sacrifícios são orações e louvores, leituras bíblicas antes das refeições, salmos e hinos durante elas e antes de deitar-se, e de novo orações durante a noite”. Esse autor contrastou os sacrifícios de louvor e ações de graças, que os cristãos oferecem com a alma, com os sacrifícios materiais feitos nos altares judaicos e pagãos. A expressão de Pedro – “sacrifícios espirituais” – I Ped. 2:5 – animava a mente da igreja.

O cardeal Gibbons, argumentando mais além a favor da missa, confunde o espírito dos incautos com a exclamação: “por que vós, protestantes, orais e ides à igreja, e vos submeteis ao batismo e tomais a comunhão, se o sacrifício do Calvário é inteiramente suficiente?!”

Se fosse necessário responder, responderíamos que a oração, a reunião dos cristãos e o batismo se encontram claramente ordenados no Novo Testamento, enquanto que à repetição do sacrifício de si mesmo, feito por Cristo na cruz, em parte alguma se alude.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

No segundo século, oferendas eram feitas à celebração da comunhão, mas eram ofertas dos elementos, feitas pelo povo, e a dedicação que o povo fazia de si mesmo. Justino Mártir refere que o povo trazia pão e um cálix contendo vinho e água ao “presidente dos irmãos”, que se encarregava do culto, e que o presidente dirigia, a intervalos convenientes, graças ao Pai em nome de Jesus Cristo e do Espírito Santo, após o que os elementos eram distribuídos à congregação e uma parte reservada aos que não estavam presentes. Até o século XII o povo continuou a apresentar os elementos eucarísticos, destinados à comunhão, para serem usados como ofertas de gratidão. Por aquele tempo, operou-se a mais prodigiosa transformação, em virtude da qual a oferta passou a ser encarada como um sacrifício de Cristo, em lugar de ser uma oferta a Cristo. A transformação é mui difícil de explicar-se: tudo que se pode dizer é que ela se operou no interesse da preeminência sacerdotal e pessoal do clero e resultou de especulação escolástica, elaborando a ficção da transubstanciação. A competência para “criar a Deus” sobre o altar elevou o sacerdócio acima de todas as dignidades e fê-lo árbitro do destino eterno dos vivos e dos mortos. É possível que o drama religioso da Idade Média, em que os sacerdotes frequentemente tomam parte, pretendia alguma coisa com a mudança pela qual o altar foi exaltado e presumiu-se repetir a cena do Calvário.

O conceito sacrificial da eucaristia levou à prática da celebração de missas particulares e missas pelos mortos, também chamadas missas negras ou missas de *réquiem*, nome este derivado das primeiras palavras do ritual latino: “Dai eterno descanso” – *réquiem eternam dona*. A celebração de tais missas tornou-se a principal ocupação dos sacerdotes nos santuários e capelas. O altar se tornou o lugar de se oferecer sacrifício expiatório por pecados e crimes, assim como o mercado é o lugar da venda diária de utilidades. O abuso da repetição de missas se tornou tão clamoroso, que os Sínodos limitaram a três o número delas, que cada sacerdote podia celebrar no mesmo altar e no mesmo dia. O Código Canônico restringe o número a uma só missa diária, exceto pelo Natal e Finados. As almas do purgatório, pelas quais se celebram missas, incluem eclesiásticos da mais elevada hierarquia, assim como leigos da mais humilde condição. A 24 de março de 1922, primeiro aniversário da morte do cardeal Gibbons, o reitor da Universidade Católica Romana cantou missa, em Washington, pelo repouso da alma do prelado. Quando monsenhor José João Suhr, vigário geral da diocese de Pittsburgh, faleceu, em 1922, deixou 500 dólares para missas a serem ditas “por sua própria alma e pelas almas de seus pais”. Uma semana após o assassinio de

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Gabryl Narutowicz, presidente da Polônia, foram celebradas missas pelo repouso de sua alma, a igreja de Sto. Estanislau, em Nova York, a 24 de dezembro de 1922, tomando parte na cerimônia o arcebispo Hayes. As missas por intenção de um falecido podem continuar por tempo ilimitado, porque se ignora por quanto tempo pode uma alma ser retida no purgatório. Uma das queixas frequentes que nos vieram da Inglaterra medieval, refere-se a reclamações de executores testamentários, alegando que legados feitos com o propósito de custear missas por alma do falecido, eram embolsados por sacerdotes, que não cumpriam as cláusulas dos testamentos, e sacerdotes havia que viviam em “orgia e devassidão”, enquanto os testadores jaziam no purgatório. A lei da igreja romana prescreve que uma espórtula fixa – *stipendium* – seja dada ao sacerdote, contribuindo todos os que assistem a missas – Can. 824-830.

§ 4. Os milagres da hóstia.- A teoria realista ou mecânica dos elementos usados na eucaristia e de sua virtude, foi responsável, durante a Idade Média, por inumeráveis milagres fictícios. Tais milagres foram relatados não só por César de Heisterbach, Etienne de Bourbon e outros escritores populares, mas foram atestados por Alexandre de Hales, Boaventura e outros teólogos eminentes – e os conventos em que eles se produziram foram transformados em santuários e centros de peregrinação. Escritores piedosos relataram casos em que a hóstia fora vista a suar sangue e Cristo fora contemplado a sair da hóstia e regressar a ela. Uma história refere que, após ter um abade consagrado os elementos, viu-se a Cristo assentado sobre a mão do celebrante, como uma criança. A criança cresceu até alcançar a estatura de homem e depois voltou à hóstia, no momento em que o abade, comungando, a consumiu. Outra história diz que, durante um baile em que um sacerdote tomava parte, a píxide se abriu e caíram as cinco hóstias que nela estavam. Em vão foram as hóstias procuradas, até que, tendo o povo se retirado da casa, os sagrados objetos foram achados numa concavidade da parede, onde os anjos os haviam colocado para sua segurança.

Mais notáveis foram os casos da hóstia ensanguentada de S. Trond, na Bélgica, e a hóstia exsudante de Wylsnack. Quanto à hóstia de S. Trond, César Heisterbach afirmou tê-la visto com os próprios olhos. Certa dama, que havia beijado o amante com a hóstia na boca, pensando que por aquele meio havia de inflamar a paixão do amigo, verificou que não podia engolir o sagrado objeto. Depondo-o num guardanapo, a mulher revelou a ocorrência a um bispo itinerante. Os dois abriram o guardanapo e descobriram três gotas de sangue vivo. O abade de Trond foi chamado ao

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

local – e verificou-se que metade da hóstia era carne e metade pão. O sangue foi conservado num vaso entre as relíquias da cidade e tornou-se famoso alvo de peregrinos, sendo aquele lugar tido como sagrado até hoje. A hóstia exsudante de Wylsnack, não longe de Berlim, que foi primeiro mostrada em 1383, foi examinada vinte anos depois por uma comissão nomeada pelo arcebispo de Praga, figurando João Huss entre seus membros. A comissão declarou tratar-se de fraude; mas, a despeito do relatório, o santuário continuou a ser visitado ainda depois da Reforma, como um dos lugares de culto mais famosos daquela parte da Europa. Entre as ações miraculosas atribuídas ao prodígio de Wylsnack, há a experiência do cavaleiro que, depois de ter consagrado sua armadura ao santo sangue, teve a sorte de matar em duelo a seu rival. Ladrões que lhe fizeram votos, tornaram-se capazes de romperem as grades de sua prisão. A última das façanhas notáveis relacionadas com as hóstias consagradas, não foi a história do camponês que colocou uma hóstia em sua colmeia: a hóstia não só se conservou intacta, mas as abelhas lhe prestara culto, construindo reverentemente um santuário em miniatura, com um altar sobre que depuseram o devoto objeto. As abelhas da vizinhança aderiram à adoração, reunindo-se e entoando melodias sacras. Em vista dessas singulares ocorrências, o camponês, acompanhado por um bispo e seu vigário, encaminhou-se para a colmeia e piedosamente removeu a hóstia, enquanto as abelhas expressavam seus sentimentos pios, entoando cânticos.

Até mesmo ao encerrar-se o século XV, a hóstia consagrada era tida como um encantamento, e a razão que Savonarola e os dominicanos alegaram para não irem, através das chamas, até Florença, foi a de se lhes não permitir a condução da hóstia. Dois prodígios, referidos cem anos depois pelo cardeal Belarmino – *de euchar.* 3:8 – podem ser aqui citados. Um é o da mula, à qual santo Antônio de Pádua exibiu a hóstia. Quando o santo ordenou que o animal a reverenciasse, a mula, deixando o molho de feno e esquecendo a fome, aproximou-se do sagrado emblema, curvou a cabeça, dobrou os joelhos e adorou. À vista desse incidente – continuou o cardeal – hereges se converteram. O segundo prodígio foi o caso de um herege inglês, que foi levado à presença do arcebispo, na catedral de S. Paulo, em Londres. Quando o herege afirmou que o culto de uma aranha era mais racional do que o culto da hóstia, imediatamente uma aranha horrível soltou-se do teto e teria entrado na boca do blasfemo, não fora a presença dos que ali estavam e que o impediram.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

A pretensa atuação miraculosa da hóstia não se circunscreveu à Idade Média e às narrativas do cardeal Belarmino. Um espantoso exemplo moderno temos do caso das hóstias de Siena, cuja história, segundo se diz, data de duzentos anos. Em 1730, verificou-se ter sido subtraído da catedral um cibório de prata, contendo muitas hóstias. Mais tarde as hóstias foram descobertas de envolta com moedas, numa caixa de esmolos, em que o ladrão as havia lançado – trezentas e quarenta e oito hóstias e seis partículas. Sendo descobertas, um franciscano referiu que, na manhã do furto, ele havia consagrado duzentas hóstias, adicionando-as a uma centena já existente no vaso sagrado. Por ordem do arcebispo de Siena, grandes honras foram tributadas aos objetos recuperados. Sem descermos a minúcias da história, é bastante que se diga que, em 1789, o arcebispo então em exercício, em presença de sacerdotes e nobres, abriu o cibório e encontrou duzentas e trinta e uma hóstias e oitenta e nove fragmentos, “rijas e frescas como se feitas recentemente”. Foram recolocadas em novo cibório, o qual tem sido aberto várias vezes, sendo que a última o foi em 14 de junho de 1914, na presença dos “professores de ciências de Siena e de sua universidade”. As obreias, reduzidas a 228, foram encontradas “engomadas e perfeitamente conservadas”; e, posto em água destilada, um dos fragmentos tornou-se mole e intumescido. Todos os presentes se uniram em referir que a substância da obreia não mostrava sinais de alteração. Foi decidido que se expusesse o cibório, com seu conteúdo, à adoração e recomendou-se aos adoradores que cantassem : “Adoro-te a todo momento, ó pão vivo do céu, grande sacramento!” – *te adoro, ogni momento, o vivo Pan del Ciel, grand sacramento!* A preservação daqueles elementos foi graciosamente proclamada miraculosa pelo atual arcebispo da cidade italiana. Uma descrição minuciosa foi publicada na *Revista Histórica Católica*, de janeiro de 1923, e, sem a mais leve suspeita de que as coisas referidas não sejam fatos indubitáveis, diz a Revista que “a questão está, não nocomo tenha o número de hóstias diminuído no correr dos anos, mas – no porque aconteceu que algumas restassem”.

Pondo de parte todas essas histórias como fantasias, os protestantes se voltam para as Escrituras e relêem as palavras cristalinas com que o Senhor instituiu a festa comemorativa de sua morte: “fazei isto em memória de mim”. A eucaristia é uma refeição comemorativa, na qual os cristãos se reúnem em obediência ao mandamento de Cristo, rendem graças pelo sacrifício que ele cumpriu no Calvário em benefício deles e renovam os propósitos de união com o Senhor. A eucaristia não é repetição do sacrifício

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

da cruz e mudança alguma se opera no pão e no vinho mediante as palavras pronunciadas pelo ministro. O pão e o vinho devem ser encarados com respeito, quando separados para um santo propósito, mas não têm virtude em si mesmos, para conferir graça aos que participam deles. A eucaristia é comunhão a que Cristo está espiritualmente presente, como está presente onde quer que dois ou três se reúnam em seu nome; e onde há verdadeira fé, Cristo se encontra mais efetivamente, porque o símbolo é visível aos olhos e a ordenança é avaliada pela intenção dos adoradores, pelo uso das palavras de que o próprio Senhor nosso se serviu e pela promessa que ele fez. Ali, nos elementos, a morte de Cristo se apresenta figuradamente e Cristo é aprendido pelo crente através da fé e de maneira celestial ou espiritual. Os protestantes podem unir-se ao mártir inglês, o bispo Ridley, dizendo reverentemente: “Presto culto a Cristo no sacramento, não porque esteja ele incluído no sacramento, mas do modo por que lhe presto culto nas Escrituras, sem que ele esteja incluído nelas”. Para o católico romano, a virtude da eucaristia reside na transubstanciação dos elementos, graças ao suposto poder sobrenatural conferido à ministração sacramental. Para o protestante, sua virtude procede da fé que tenha o crente e da obediência ao mandamento de Cristo.

A explanação do apregoadado milagre da transubstanciação e do sacrifício da missa não procede de nenhum desejo de colocar mal a piedade dos católicos romanos. Os protestantes reconhecem que a intenção do espírito é o princípio diretor do verdadeiro culto e que, não obstante a teoria que se possa ter no tocante à natureza do pão e do vinho, após terem sido consagrados, ou separados pela oração sincera, o devoto adorador receberá a bênção prometida. Nem estão os protestantes, nesta época, inclinados a negar que haja católicos romanos inteligentes que, para além do altar sobre que o sacrifício incruento se diz celebrado, olham para a cruz do Gólgota, como sua única esperança. Os dois dogmas característicos, da transubstanciação e da missa, devem ser, todavia, considerados como ficções eclesiásticas, para as quais a linguagem de nosso Senhor, na noite em que foi traído, não serve de apoio.

Bibliografia e Notas

1. Hallam Tennyson, na *Vida*, que escreveu, de seu pai, 2:412, diz que o poeta recebeu, no gabinete de estudo, juntamente com os membros de sua família, a comunhão, poucos meses antes de morrer. Antes de sua administração, o reitor de Freshwater foi advertido por Mr. Tennyson de que ele não podia participar dos

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

elementos, a não ser que fossem recebidos no sentido que lhes fora atribuído por Cranmer.

2. Tomaz de Aquino declarou: *hoc sacramentum vationem sacrificii habet in quantum offertur, rationem sacramenti in quantum sumitur*. Vide Cat. *Trid.*, 2:4, e Perrone, 7:311.

3. O bp. Hooper, *Brief and Clear Conf.*, chamou “a missa um completo abandono da santa ceia, porque ela atribui e prescreve a si mesma aquilo que pertencia somente ao sangue de Cristo na cruz, isto é, satisfação, purgação e remissão de pecados, com aumento de graça”. Quão diverso é o conceito do moderno anglo-católico, Darwell Stone, que diz “que a eucaristia é um ato de sacrifício, em que nosso Senhor apresenta sua humanidade sacrificada e viva”. “Cristo está presente na eucaristia, como estava presente com seus discípulos em sua vida encarnada”.

4. O bp. Gilmour, p. 198, descrevendo a Ceia do Senhor, diz que “Jesus é o Melquisedec da nova lei que, como rei e sacerdote, ofereceu-se a si mesmo sob a aparência de sangue e vinho”.